



Artigo Original

Saúde e Trabalho Docente: Compreendendo a Relação entre as condições de trabalho, o convívio familiar/social e a saúde de professores

Health and Teaching Work: Understanding the Relationship between working conditions, family / social life and teachers' health

Saulo Daniel Mendes Cunha¹
 Luiza Augusta Rosa Rossi Barbosa¹
 Rosângela Ramos Veloso Silva¹
 Maria Aparecida Vieira¹
 Maria Fernanda Santos Figueiredo Brito¹
 Desirée Sant'Ana Haikal¹
 Cristina Andrade Sampaio¹

¹ Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes

Resumo: A profissão docente tem sido marcada por muitos desafios na atualidade. Dentre estes desafios, as condições de trabalho dos professores, que podem influenciar sobremaneira os processos de saúde-doença desta classe de profissionais, e também refletir diretamente no convívio familiar e social dos docentes. Desta forma, este artigo tem como objetivos compreender os processos envolvidos na relação saúde-doença de professores de escolas públicas da cidade de Montes Claros-MG a partir de vivências e condições de trabalho. Trata-se de uma pesquisa exploratória, descritiva, de abordagem qualitativa, baseada no Interacionismo Simbólico. Teve o intuito principal de iniciar o desenvolvimento de uma teoria relativa ao adoecimento de professores da Educação Básica por meio do método da Teoria Fundamentada em Dados (TFD). Este estudo foi realizado com os professores das escolas estaduais da cidade de Montes Claros-MG. Os professores participantes deste estudo foram selecionados de forma intencional e foram divididos em grupos amostrais, totalizando em 19. professores. Para a coleta de dados foram utilizadas entrevistas narrativas. A análise e a interpretação dos conteúdos transcritos produzidos foram desenvolvidas de acordo com a proposta metodológica da TFD. A análise dos dados usou o software ATLAS/Ti 8.0 como suporte às interpretações e organização documental. E para a interpretação das entrevistas foi empregada a Análise de Discurso (AD). Em sua análise e considerações finais, podemos verificar que tanto a saúde e qualidade de vida dos professores estão sendo afetadas pelo trabalho docente. Além de evidenciar uma influência do trabalho docente no convívio familiar e social destes trabalhadores.

Palavras-chaves: Docência, Saúde, Família, Teoria Fundamentada em Dados.

Abstract: The teaching profession has been marked by many challenges nowadays. Among these challenges, the teachers' working conditions, which can influence the health-disease processes of these class professionals, and directly reflect on the family and social conviviality of these teachers. Thus, this article aims to understand the processes involved in the health-disease relationship of public school teachers in the city of Montes Claros-MG, from experiences and working conditions; as well as to identify personal life experiences and their relationship their work, for the development of Data Based Theory (TFD). It is an exploratory, descriptive, qualitative approach based on Symbolic Interactionism. The main purpose of this study was to initiate the development of a theory related to the sickness of Basic Education teachers through the method of Data Based Theory (TFD). This study was conducted with teachers of state schools of Montes Claros city in Minas Gerais. The teachers participating in this study were intentionally selected and were divided into sample groups, totaling 19 teachers. Narrative interviews were used to collect data. The analysis and interpretation of the transcribed contents produced were developed according to the methodological proposal of TFD. Data analysis used the ATLAS / Ti 8.0 software as support for interpretations and documentary organization. And for the interviews' interpretation was used Discourse Analysis (AD). In its analysis and final considerations, we can verify that both the health and quality of life of the teachers has been affected by the teaching work. Besides showing an influence of the teaching work in the family and social life of these workers.

Keywords: Teaching, Health, Family, Theory Based on Data.

1. Introdução

Trabalhar é gerir a variabilidade, o imprevisto, fazendo escolhas, correndo riscos, inventando¹. O trabalho institui relações sociais e identidades porque, ao mesmo tempo que resulta da dinâmica social, participa da sociedade, influenciando-a e construindo-a². Por meio das profissões, os indivíduos interagem, vinculam-se entre si, relacionam-se, participam das relações de produção e tornam-se socialmente produtivos³. Desta forma, o trabalho pode ser visto como forma de obtenção de diversas satisfações indispensáveis à vida humana, como a sobrevivência, entretanto por outro lado este trabalho, sem estruturação, pode provocar o adoecimento⁴.

A saúde do trabalhador pode ser entendida como a vigilância e o manejo dos riscos à saúde do profissional decorrentes do processo de trabalho, neles incluídos os riscos psicossociais, químicos, biológicos e físicos, condições ergonômicas adversas e alergias, além de uma complexa rede de acidentes e insegurança⁵.

A atividade laboral do docente tem sido marcada por desafios significativos, reflexos das constantes transformações relacionadas ao mundo do trabalho. As condições decorrentes deste cenário, e as múltiplas exigências feitas ao papel do professor, cada vez mais tem sido associadas aos problemas de saúde física e mental apresentados por estes trabalhadores⁶.

Neste contexto, destacam-se os professores da Educação Básica, que têm apresentado uma grande incidência de adoecimentos, o que pode ser demonstrado pelo 'mal-estar docente' que está entre as principais causas da solicitação de licenças de saúde por esses professores^{7,8}. Esses afastamentos contrariam a ideia de que o trabalho deveria proporcionar, além de oportunidades para o desenvolvimento de aptidões e de ampliação de conhecimentos pessoais, compensação econômica e satisfação emocional, sentimento de bem-estar dentro e fora do local de trabalho⁹.

Sendo assim, as queixas/licenças médicas dessa classe de professores vêm demonstrando que a educação está tomando caminhos diferentes. Em se tratando dos aspectos legais, no Brasil as políticas educacionais implantadas nas últimas décadas, tomando como marco inicial a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº. 9394/96 (LDB), resultaram em mudanças substanciais nos sistemas de ensino e na compreensão das características do trabalho docente¹⁰.

As escolas passaram a organizar-se no sentido das demandas por maior atendimento, aumentando matrículas, turmas, número de alunos e modalidade de ensino. Essa nova forma de organização culminou na ampliação das tarefas assumidas pela escola e conseqüentemente nas funções do trabalho docente. À medida que se tornam mais complexas as demandas às quais as escolas devem responder, também se complexificam as atividades dos docentes¹¹. Nóvoa^{12,13} destaca que há muito tempo os professores vêm sofrendo de uma situação de mal-estar na profissão, que causa desmotivação pessoal com a docência, abandono, insatisfação, indisposição, dentre outros sintomas que demonstram uma auto depreciação da carreira. Geralmente, estes sintomas apresentam uma relação direta com o adoecimento do professorado e conseqüentemente apresenta reflexos no processo de ensino-aprendizagem escolar.

Sendo assim, pode se considerar que houve uma dilatação, no plano legal, da compreensão do que seja o pleno exercício das atividades docentes e neste sentido, a legislação orienta os novos papéis do professor no cenário da educação. Desta forma, depois da ampliação de tarefas as queixas dos professores da educação básica são frequentes. No Brasil, este fato pode revelar que o descompasso no desenvolvimento das atividades de ensino em contextos desestruturados gera uma sobrecarga de trabalho para esses profissionais^{6,14}.

O estudo das relações entre o processo de trabalho docente, as reais condições sob as quais ele se desenvolve e o possível adoecimento físico e mental dos professores constituem um desafio e uma necessidade para se entender o processo saúde-doença do trabalhador docente e se buscar as possíveis associações com o afastamento do trabalho por motivo de saúde¹⁵.

Desta forma, eventos relacionados ao esgotamento físico e psicológico, principalmente, passam a ser recorrentes na vida dos professores, o que acaba influenciando negativamente na produção no trabalho e nas relações sociais extra laborais. A doença, portanto, aparece como reflexo de um processo cumulativo, afetando diretamente a qualidade de vida destes

profissionais. As queixas relativas à saúde têm sido mais frequentemente associadas a problemas no trabalho do que a qualquer outro aspecto da vida, incluindo problemas financeiros ou familiares. O sofrimento desse trabalhador se reflete no seu cotidiano familiar e na equipe de trabalho, com repercussões na produtividade do trabalho coletivo⁵.

Desta forma, este estudo pretende compreender os processos envolvidos na relação saúde-doença de professores de escolas públicas da cidade de Montes Claros-MG a partir de vivências e condições de trabalho; além de identificar as experiências de vida pessoal (relações sociais, família, amigos) e sua relação com o trabalho, para o desenvolvimento da Teoria Fundamentada em Dados (TFD), proposta que centra-se na ação-interação humana, que requer a interação entre o fazer induções, produzir conceitos a partir de dados e fazer deduções, gerando hipóteses sobre as relações entre os conceitos derivados a partir das interpretações¹⁶. A elaboração de uma Teoria Fundamentada em Dados com enfoque na saúde dos professores da educação básica pode apontar as fragilidades das condições de trabalho destes docentes e possibilitar um suporte às políticas públicas (ainda tão incipientes) com foco na saúde desta classe de trabalhadores, além de propor ações voltadas para maior valorização do bem estar dos professores no cumprimento de suas atividades laborais, promovendo a saúde física e mental.

2. Percorso metodológico

Trata-se de uma pesquisa exploratória, descritiva, de abordagem qualitativa, baseada no método de Interacionismo Simbólico, por primar pela identificação de significados, experiências e relações sociais entre os indivíduos participantes. Tem o intuito principal de iniciar o desenvolvimento uma teoria relativa ao adoecimento de professores da Educação Básica por meio do método da TFD. O foco da TFD é compreender as experiências e interações de pessoas inseridas em um determinado contexto social, buscando evidenciar estratégias desenvolvidas diante de situações vivenciadas^{17,18}. A intenção dessa teoria é descobrir um modelo conceitual que explique o fenômeno a ser investigado e possibilite ao investigador desenvolver e relacionar conceitos, cuja ênfase está na compreensão do fenômeno tal como ele emerge dos dados¹⁹, portanto busca-se o significado e expressões dos participantes da pesquisa como construção da realidade.

A pesquisa foi realizada com professores da educação básica (ensino fundamental e ensino médio). Para a coleta de dados foram utilizadas entrevistas narrativas, entrevistas semiestruturadas, áudio-gravadas, transcritas logo após sua realização e guiadas por questões norteadoras relacionadas ao significado da docência e a relação com as condições de saúde do professor. Serão apresentados dados parciais da coleta, que se referem a um total de 19 (dezenove) professores de diferentes escolas, de um universo de 30 (trinta) entrevistas.

Os participantes foram selecionados de forma intencional a partir dos resultados do projeto PROFsMOC (abordagem quantitativa que avaliou as condições de saúde dos professores da educação básica da cidade de Montes Claros)^{20,21}. Assim, à partir dos resultados do projeto ProfsMoc foram incluídos nessa investigação aqueles professores que apresentaram elevado grau de estresse, depressão, *burnout* e polipatologias (a partir de cinco condições clínicas). Dois grupos amostrais foram divididos nas fases de interpretação dos dados sendo aqueles professores com 10 anos ou mais de docência e aqueles com menos de 10 anos de docência. Dentre os professores entrevistados, 3 professores apresentaram menos de 10 anos de docência e 4 professores apresentaram mais de dez anos de docência. O tratamento dos dados da pesquisa se deu em três tipos de codificação: codificação inicial, focalizada e axial. Para esses resultados parciais foi realizada a 'Codificação inicial', que possibilitou a partir da transcrição selecionar códigos que capturaram o fenômeno vivenciado. Memorandos foram construídos possibilitando resgatar feixes de memória, relacionar referencial teórico com dados dessa codificação inicial¹⁶.

A análise dos dados consistiu em uma fase central da TFD neste momento da pesquisa, para isso foi utilizado o *software* ATLAS/Ti 8.0, como suporte às interpretações e organização documental, uma alternativa viável no desenvolvimento da análise, principalmente, por permitir a organização e apresentação dos resultados e possibilitar a construção de redes semânticas²². Para auxiliar no processo de codificações aberta, os dados foram lançados neste *software*, que viabilizou a organização do grande volume de material transcrito permitindo codificá-lo (*codes*). Neste contexto, após o lançamento dos dados neste *software* foram elencados 28 códigos (*codes*) e a partir destes códigos, foi identificado os códigos que obtiveram uma frequência maior

advinda dos discursos dos professores entrevistados. Os códigos que apresentaram a maior frequência foram: “Perdendo saúde e qualidade de vida por conta do trabalho docente” e o segundo código foi “Afetando a vida familiar e social por conta do trabalho docente”.

Neste sentido, após esta organização documental, foi empregada a Análise de Discurso (AD) da linha francesa foi empregada no intuito de “articular o linguístico com o social e o histórico”, onde a linguagem é estudada não apenas enquanto forma linguística, como também enquanto forma material da ideologia²³. Os professores e professoras participantes desta pesquisa serão identificados no corpo do texto com os termos de P1 até P7, representando o professor um até o professor sete.

3. Resultados e discussão

A análise das relações entre o trabalho docente e o processo saúde-doença de professores da educação básica, resultou em 27 (vinte e sete) códigos gerados por meio do software Atlas/Ti. As entrevistas transcritas embasaram essa análise e esses códigos, incluem os aspectos do cotidiano docente, relações sociais dentro e fora da escola, indisciplina dos estudantes, frustração com a docência, relação do trabalho com a saúde, condições de trabalho, dentre outros.

Diagrama 1 –Códigos: codificação inicial



Fonte: Programa Atlas/Ti. Versão 8.0 – Projeto Profs Moc.

Além destes 27 códigos, 79 (setenta e nove) citações (citações) foram identificadas. Trata-se dos fragmentos do “discurso” dos professores entrevistados diretamente relacionadas aos códigos criados.

De todos os códigos apresentados, dois deles apresentaram uma frequência superior aos outros. O código “Perdendo saúde e qualidade de vida, por conta do trabalho” apresentou uma frequência de 12 (doze) citações e o código “Afetando a vida familiar e social por conta do trabalho docente” obteve 9 (nove) citações. Dentro desta perspectiva faremos uma discussão sobre a relação das condições de trabalho destes profissionais e o impacto na saúde física e

mental, e para finalização, uma análise da influência das relações de trabalho dos docentes com o ambiente familiar/social.

3.1 Trabalho docente: impactos na saúde dos professores

A linha histórica da relação trabalho e saúde/doença é bastante longa, seja na área das ciências sociais, seja no campo da saúde em suas distintas especialidades²⁴. Nesta perspectiva percebemos que desde as ideias de Marx, em "O Capital", as questões relacionadas as condições de trabalho e suas relações com a qualidade de vida e saúde dos trabalhadores apresentam ainda interesse por parte de muitos pesquisadores, através do olhar direcionado para a organização do trabalho e o entendimento sobre as condições de vida da classe dos trabalhadores. Sendo assim, a partir da primeira revolução industrial, este tema passa a fazer parte do cotidiano de diversos pesquisadores.

De fato, Marx²⁵, desvendava a dinâmica do desenvolvimento capitalista e a acumulação de capital a partir da extração da mais-valia do trabalho. Dentro deste contexto, este referido autor relatava não só a lógica da exploração do trabalho assalariado, como seus efeitos sobre as condições de trabalho: extensas jornadas; insalubridade dos locais de trabalho; alienação do trabalhador em relação ao produto e ao processo de seu trabalho; baixos salários provocados pela existência de um significativo exército industrial de reserva, que pressionava constantemente os salários para baixo, mantendo-os no nível da subsistência. As influências do taylorismo e o fordismo, acentuaram ainda mais estas relações de trabalho e no final do século XIX para o século XX, o advento da tecnologia eletromecânica e um novo panorama nas relações de trabalho demonstra uma extrema alienação do trabalhador no processo produtivo. Passou a existir então uma divisão ainda maior entre o trabalho manual e o intelectual, na rígida divisão de tarefas e no controle rigoroso da gerência. Sendo assim, muitos pesquisadores começaram a se preocupar com o crescente aumento de acidentes de trabalho e com a formação de um trabalhador alienado²⁴.

Meados dos anos 1960, o movimento operário passa então a reivindicar por melhores condições de trabalho através de greves e tomadas de fábricas e dentro deste contexto os aspectos relacionados à saúde estiveram em debate e exposição, e a partir deste cenário de luta trabalhista passa então a envolver as diferentes áreas de atuação (sociólogos, economistas, antropólogos, historiadores, psicólogos, fonoaudiólogos, médicos). Na verdade, vários profissionais começam a discutir e pesquisar as condições de trabalho e as relações com a saúde dos trabalhadores apresentando uma marca que estará presente na análise de qualquer tipo de trabalho e profissão que se fará a partir de então: a da multidisciplinaridade²⁶. As influências de Christophe Dejours também são marcantes nestes estudos sobre as condições de trabalho. A partir dos seus estudos desenvolvidos no Laboratório de Psychologie du Travail et de l' Action do Conservatoire National de Arts et Metiers em Paris, a psicopatologia do trabalho passa a ser estudada de maneira interdisciplinar²⁷.

No que se refere à área da docência, as pesquisas são bem recentes. A discussão ampla e sistemática sobre as condições de trabalho docente e o debate sobre o conjunto de dificuldades e de constrangimentos profissionais que afetam o trabalho dos professores começam a ser estudado na década de 1980, através de uma pesquisa consistente sobre o adoecimento docente, descrita por Esteve²⁸. Neste contexto este autor utiliza a caracterização do mal estar docente e os seus estudos destacam as condições sociais do trabalho, retirando o foco da análise do professor, enquanto indivíduo isolado na sala de aula, para coloca-lo na organização do trabalho na escola e no entorno social.

O estudo das relações entre o processo de trabalho docente, as reais condições sob as quais ele se desenvolve e o possível adoecimento físico e mental dos professores constituem um desafio e uma necessidade para se entender o processo saúde-doença do trabalhador docente e se buscar as possíveis associações com o afastamento do trabalho por motivo de saúde. Estas patologias têm se tornado problema de saúde pública e o acometimento aos docentes tem se apresentando bastante frequente. As circunstâncias sob as quais os docentes mobilizam as suas capacidades físicas, cognitivas e afetivas para atingir os objetivos da produção escolar podem gerar sobreesforço ou hipersolicitação de suas funções biopsicofisiológicas¹⁵.

A profissão docente, é considerada uma das mais estressantes, uma profissão de risco, segundo a Organização Internacional do Trabalho. Como a grande maioria da categoria é do sexo feminino, devem ser ressaltados, em particular, os efeitos desse estresse na saúde das mulheres^{28,29}.

As políticas educacionais das últimas décadas provocaram mudanças que causaram grande impacto sobre a organização e a gestão escolar. A expansão da escolaridade e a consequente universalização do ensino fundamental nas redes públicas brasileiras trouxeram um maior contingente para o sistema educativo e maior complexidade das demandas apresentadas à escola. Essas demandas chegaram à escola sem que as condições objetivas de atendimento fossem adequadas à nova situação, o que tem resultado em intensificação do trabalho docente¹¹.

Esta sobrecarga, e consequente adoecimento, talvez, pode incidir sobremaneira na saúde e na qualidade de vida dos professores da educação básica, fato que pode ser evidenciado no discurso desta professora:

Eu estou perdendo saúde e qualidade de vida. A gente quase não tem qualidade de vida [...]o pouco tempo que está em casa, eu levo trabalho para casa, é muita carga de trabalho(P7).

Segundo a OMS³⁰, qualidade de vida é definida como a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive, e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. Apesar de ainda não existir consenso sobre a sua definição, há concordância que este conceito amplo envolve aspectos: 1. multidimensionais, por englobar informações sobre diversas áreas da vida do sujeito, incluindo a avaliação do seu bem-estar físico, emocional e social. 2. subjetivos, pois, a avaliação é realizada a partir da perspectiva do indivíduo e 3. envolve valores de dimensões positivas e negativas como, por exemplo, liberdade e paz até desemprego ou exclusão^{31,32}.

A discussão e a avaliação da qualidade de vida é um importante instrumento em saúde pública e neste contexto, percebemos que o trabalho docente apresenta grandes exigências psicoemocionais, habilidades sociais e pedagógicas que podem ser geradoras de problemas relacionados à saúde, prejudicando assim a qualidade de vida dos professores⁵. É necessário fazer uma reflexão sobre o processo de globalização contemporâneo, apresentando uma alteração substancial das relações desenvolvidas no mundo do trabalho, muito provavelmente causado pelo ritmo acelerado de produção tecnológica e por outras exigências que surgem no cenário da legislação vigente sobre a docência³³.E neste contexto, a escola recebe estes reflexos, também impactada pelas mudanças políticas, tecnológicas e econômicas decorrentes da globalização, ou seja, o capitalismo imperando soberano sobre os processos educacionais, desta forma, a intensificação do ritmo de trabalho passa a aumentar progressivamente.

Tradicionalmente, era atribuído a esses profissionais o papel referente ao ensino de disciplinas, tendo gradativamente assumido funções, como construir hábitos de saúde, assessoramento psicológico, educação para o trânsito, entre outras, além de imposição sobre tarefas burocráticas, aumento do número de reuniões pedagógicas, etc. Neste sentido, o excesso de tarefas burocráticas e reuniões, a falta de autonomia e infraestrutura do ambiente escolar, as relações conflitantes com alunos e seus familiares e, principalmente, a baixa remuneração, tornam evidente o quadro crônico de depreciação e desqualificação social, psicológica e biológica dos professores da rede básica de ensino. Emerge dessa situação um cenário com efeitos adversos, proporcionando aos docentes um conjunto de mal-estares, em muitos casos desestabilizando a economia psicossomática e gerando doenças diversas, que influenciam fortemente na qualidade de vida destes profissionais^{34,35}.

No contexto da saúde do professor, percebe-se que os aspectos psicológicos apresentam grande relevância. Quanto à saúde, a maior parte se sente vulnerável e desgastada, principalmente em aspectos psicoemocionais, o que influencia as suas relações sociais dentro e fora do ambiente de trabalho¹⁵.As professoras 7 e 3, respectivamente, relatam alguns sintomas apresentados, que podem ser influenciados pela docência:

[...]Então quando chegava na terça-feira a tarde, eu já começava a sentir taquicardia, a cabeça doía, dava ânsia de vômito, aí eu fui percebendo que aquilo ali era ansiedade(P 7).

[...] eu, no ano passado por exemplo eu tive um período difícil eu estava muito estressada.. aí eu senti perda de memória e não me recuperei até hoje esse problema.. é estresse, muito agitada, perda de sono (P3).

De acordo com os discursos acima, percebemos que o desgaste emocional, a que os docentes estão sujeitos, parece ser determinante no desenvolvimento de transtornos relacionados ao estresse. O mal estar docente, descrito como um sentimento de desconforto resultante das condições psicológicas e sociais as quais os professores estão envolvidos, tem sido visto como um fenômeno generalizado entre estes profissionais, podendo resultar em crise de identidade profissional. A sensação de desconforto é decorrente das dificuldades encontradas ou das impossibilidades de lidar com as problemáticas do cotidiano escolar, provenientes das constantes exigências profissionais, concomitantes a baixa realização profissional. Frente a esse quadro, são gerados sentimentos de insatisfação, angústia, esgotamento, ansiedade, estresse e/ou depressão³⁶.

Nos estudos realizados com professores do ensino básico nos últimos anos são destacadas maiores incidências de distúrbios psíquicos do que físicos. A profissão docente é considerada pela Organização Mundial do Trabalho, como uma das mais estressantes. Professores têm um risco maior de sofrimento psíquico e desenvolvimento de transtornos quando comparados a outros grupos e dentre as profissões, é o professor a categoria mais estudada e mais suscetível à síndrome de *burnout*^{37,38,39}.

A síndrome de *burnout*, caracterizada por esgotamento emocional extremo, é uma condição crônica, definida como uma reação negativa ao estresse crônico no trabalho, que se desenvolve quando as expectativas profissionais são desproporcionais à possibilidade de alcançá-las²⁴.

Percebemos também que o professor reconhece a possibilidade de ter a sua saúde impactada pelo exercício da docência. Mas, em muitos momentos não tem essa consciência. Para tanto, demanda a existência de um acompanhamento da saúde do professor dentro das escolas:

[...] que eu precise de um psicólogo não sei [...] também tem que ter psicólogo na escola pra cuidar de aluno e de professor (P 5).

Neste contexto, e com base no discurso deste professor, parece que a escola pública está “doente”. De uma escola que parece ser reflexo da sociedade na qual está inserida. Os professores têm sentido um desamparo em relação à sua qualidade de vida e à sua saúde física e psíquica⁴⁰. Sendo assim, o processo de intensificação do trabalho vivido pelos docentes das escolas públicas brasileiras na atualidade pode, além de comprometer a saúde desses trabalhadores, pôr em risco a qualidade da educação e os fins últimos da escola, na medida em que tais profissionais se encontram em constante situação de ter de eleger o que consideram central e o que pode ficar em segundo plano diante de um contexto de sobrecarga e hipersolicitação, cujas fontes estão nas infindáveis e crescentes demandas que lhes chegam dia após dia¹¹.

Acredita-se que para legitimar qualquer diálogo e iniciativa no campo da educação precisa-se envolver os seus legítimos protagonistas, os professores. A ineficiência de políticas públicas e o desconhecimento da escola pelos gestores públicos são evidências do descaso do Estado para o desenvolvimento de uma escola de qualidade, sendo esses alguns dos determinantes do descumprimento do papel da instituição escola. Ao poder público cabe não só compreender, mas, principalmente vivenciar a escola estabelecendo um diálogo verdadeiro e profundo com o professor, buscando, por meio da educação, uma transformação social

sustentável baseada em valores humanos mais éticos e mais justos. A crise da educação pública básica pode estar relacionada a uma síntese do despreparo administrativo e do desrespeito histórico do poder público, em especial com a escola pública fundamental, o que afeta diretamente o desenvolvimento político, cidadão, ético e intelectual de grande parte da população brasileira, dependente dessa instituição e que por sua vez depende diretamente da qualidade do trabalho do professor⁴⁰.

Torna-se evidente a urgência de se incluir nas políticas públicas educacionais o cuidado com a saúde dos professores, uma vez que esse descuido consiste em um fator determinante da atual má qualidade (de grande parte) da educação pública.

3.2 Trabalhos docentes: impactos na vida familiar e social

As relações pessoais dos docentes no contexto social e familiar são reconhecidamente mediadoras da qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Muitos professores se sentem vulneráveis e desgastados, principalmente em aspectos psicoemocionais, o que influencia as suas relações sociais dentro e fora do ambiente de trabalho⁵.

As transformações sociais, as reformas educacionais e os modelos pedagógicos derivados das condições de trabalho provocaram mudanças na profissão docente, conferindo as queixas relativas à saúde que têm sido mais frequentemente associadas a problemas no trabalho do que a qualquer outro aspecto da vida, incluindo problemas financeiros ou familiares⁷. Conhecer as relações entre trabalho e condições de saúde de professores se faz necessário, devido à sobrecarga física e mental a que os docentes são comumente submetidos, além da reconhecida desvalorização desses profissionais. Isso influencia de forma negativa a vida do educador, inclusive com relação à realização de atividades de lazer (tempo livre), tendo como consequências o aparecimento de problemas físicos e/ou psicológicos¹⁴.

Sabe-se que a rotina dos professores envolve várias atividades realizadas fora da escola, por exemplo, a preparação de aulas, as correções de trabalhos e outras atividades, que aumentam a jornada de trabalho e o sobrecarregam tornando a atividade docente ainda mais intensa. O caso é mais agravante quando existe o trabalho do professor realizado em dois turnos, tendo em vista os baixos salários das redes públicas de educação para os docentes.

Neste sentido, existe uma gama de características comuns que podem definir o trabalho docente como uma atividade de ritmo intenso, repetitivo, composto por múltiplas tarefas e longas jornadas de trabalho, em que o profissional é exposto constantemente à situações que comprometem sua saúde física e/ou psíquica, decorrentes da estrutura e organização do seu trabalho^{34,24}, dentre elas, o excesso de trabalho que se refere à quantidade excessiva de alunos e/ou turmas e/ou quantidade de empregos para compensar os baixos salários e dupla jornada das mulheres, que além da profissão ainda desempenham as funções para cuidados com a família e o lar. Outra característica se refere ao excesso de atividades fora do horário de aula que se materializa por: planejamento de aulas, correções de provas e outras atividades que precisam ser desenvolvidas fora do horário das aulas, prejudicando tempo do professor para cuidar de si, ficar com a família e usufruir de atividades de lazer. O ambiente de trabalho desfavorável também representa uma característica, que se faz presente em muitas escolas, como: instalações precárias, presença de alérgenos, variações de temperatura, superlotação das salas de aula, ruídos, falta de recursos, falta de auxiliares, pouca frequência de pausas, posturas desconfortáveis. A função social do professor que além do ensino, se depara com situações que requerem atenção e auxílio no lugar de familiares ausentes, e a desvalorização do trabalho: falta de tempo para atualização, baixa remuneração e desvalorização social.

O que precisa ser evidenciado, em primeiro momento, é que nesta categoria desta pesquisa, apenas professoras (gênero feminino), relataram impacto na vida familiar e social, por conta do trabalho docente. Tendo em vista estes aspectos mencionados e com base nos discursos das professoras, percebemos que muitas vezes os docentes parecem se abdicar do convívio familiar, por conta da carga de trabalho destinada ao período extraclasses e, além disso, o estresse pode ser gerado pelas atividades docentes realizadas no âmbito escolar.

Eu acho isso super cansativo. A gente não devia fazer porque trabalho de escola devia ficar só na escola. Casa é independente disso, é pra curtir sua família, seus filhos. Agora casa se tornou um anexo da escola. Então você leva sua vida toda pra dentro de casa, e eu não tenho vida familiar praticamente (P3).

Geralmente, o pessoal já conhece, família já conhece,, minha filha mesmo fala: mamãe foi pesado hoje. Eu falo: foi! E ela nem puxa assunto, fica ali no cantinho dela... meu marido também já sabe como que é [...] Mas todo mundo já sabe quando eu chego de cara amarrada é porque não fui bem na escola (P1).

O trabalho pode ser um gerador de saúde ou, ao contrário, um constrangimento patogênico⁴¹. O trabalho jamais é neutro. Ou joga a favor da saúde ou, pelo contrário, contribui para sua desestabilização e empurra o sujeito para a descompensação⁴², e neste sentido o sofrimento é definido a partir de alguns fatores como cansaço, desânimo e descontentamento com o trabalho⁴³. Desta forma, percebemos nestes discursos, que parece haver um processo de descompensação, no qual estas professoras parecem demonstrar. A P3 relata que não apresenta vida familiar por conta da alta demanda de trabalho que leva da escola para casa, já a professora P1 descreve que chega em casa, após o trabalho docente, com certa chateação, o que pode atrapalhar substancialmente a qualidade do tempo livre com os seus familiares.

Embora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (lei no. 9.394/96) garanta carga horária ao professor para a realização de atividades extraclasse, na prática isso não ocorre¹⁰. Muitos fatores podem influenciar nessa situação, por exemplo, pode ser que os professores não disponham de força político-administrativa para fazer cumprir esse direito, ou talvez apresentem certo conformismo com esse quadro crônico, ou ainda, que se submetam a esse processo para não prejudicar, em última análise, os alunos e sobrecarregar ainda mais o sistema educacional já deficitário.

Entre o ideal da função de professor e as condições que o mercado de trabalho impõe, perdura um espaço de tensão que ocasiona um nível de estresse elevado, pressionando para baixo a eficácia da atividade docente. Diante desta situação o professor dispõe de estratégias de enfrentamento para adaptar-se à realidade. Este enfrentamento leva ao esgotamento dos recursos emocionais e como consequência a deterioração profissional, pessoal e problemas de saúde, principalmente, profissionais do gênero feminino que, além da jornada de trabalho escolar, possuem outra jornada de trabalho doméstico, na grande maioria das vezes²⁸. Essa realidade tem sido apontada em diversos espaços, como os professores do estado de São Paulo, com destaque para os professores do gênero feminino, que apresentam maior chance de adoecerem do que os professores do gênero masculino⁴⁴.

Esta questão de gênero pode ser evidenciada no discurso da professora P3, que descreve como parece ser complexa a carga de trabalho docente e sua relação com a família e tarefas domésticas, tendo em vista o papel social feminino, moldado ao longo de tempos:

Porque tem muito tempo que estou separada e nesse período, enquanto eu tinha marido, então eu tinha essa dificuldade. Eu chegava morta de cansada já ia preparar coisa pra escola e ele ficava sem atenção. Tanto ele como meu filho, e também não dava conta das atividades domésticas, e isso gerou estresse e acabamos separando por causa disso (P3).

Zibetti e Pereira⁴⁵ evidenciam a presença de aspectos culturais que se mantêm nas relações familiares, os quais levam as mulheres a assumirem as mesmas demandas que lhes eram atribuídas antes de ingressarem no mercado de trabalho. Mas também é consequência dos baixos salários recebidos pela categoria, pois enquanto outros/as profissionais mais bem remunerados/as encontram tempo livre para a família e o lazer por meio da contratação de mão de obra doméstica, as professoras não têm condições de fazer o mesmo. Neste sentido percebemos que as tarefas domésticas, historicamente, sempre foram destinadas às mulheres e desta forma, a sobrecarga do trabalho docente associada ainda à demanda de afeto dos familiares pode estar sobrecarregando as professoras. Este fato pode ser observado no discurso na professora P3 que afirma ter se separado do marido por conta do excesso de trabalho oriundo da escola.

Estas relações sociais de gênero apresentam relação direta com os aspectos de saúde destas professoras. A sobrecarga psicológica, fadiga física ou *burnout*, bem como a falta de tempo para o lazer, descanso, sono e alimentação são algumas das repercussões da dupla jornada sobre a saúde⁴⁶. É importante ressaltar ainda que a falta de tempo livre de qualidade (lazer) pode inviabilizar e deixar de fortalecer os laços humanos, e muitas vezes pode provocar distanciamento entre cônjuges, e mãe e filho, etc.

Assim, a infância do meu filho eu não participei por causa de escola. Então ele cresceu e é uma pessoa de bem, graças a Deus! Mas isso, essa culpa eu tenho comigo, de não ter participado da vida com ele (P3).

Pouca ênfase tem sido dada à questão da sobrecarga feminina com o trabalho doméstico, acentuada pelas demandas do trabalho docente que, pela falta de tempo destinado a essas tarefas no ambiente escolar, invade a vida privada⁴⁵.

Foram impostas muitas atribuições ao professor que ultrapassam seus interesses e carga horária, entretanto este mesmo profissional tem sido excluído das decisões institucionais, sendo percebido somente como um executor de propostas elaboradas por outros⁴⁷. Este modelo atual diminuiu o tempo do professor para efetuar seu trabalho, atualizar-se profissionalmente e também para o seu lazer e convívio social⁴⁸.

Esta categoria mostrou que o exercício da docência pode interferir na dinâmica familiar e social do professor. Estudos prévios mostraram que as situações vivenciadas no âmbito escolar podem levar os docentes a um desgaste físico e emocional e acarretar conflitos sociais e familiares. Esta situação pode, por conseguinte, aumentar o absenteísmo e a intenção de abandonar a carreira de docência¹⁴.

A ausência de ajustes no efetivo volume de tarefas nas escolas e as suas novas demandas pode se traduzir em uma intensificação do trabalho, já que o docente tem um menor tempo para responder às múltiplas tarefas. Para enfrentar de forma efetiva o mal-estar docente, onde se deve atuar prioritariamente é sobre suas condições de trabalho e sobre o apoio que o professor recebe para realizá-lo²⁸. Considerando que a maioria expressiva do quadro docente é feminina, qualquer medida que se proponha a melhorar a qualidade da educação deve considerar as questões de gênero. Melhores condições de vida e trabalho, inclusive superando-se socialmente a cultura de atribuir às mulheres a responsabilidade pelo cuidado da casa e dos filhos, terão como retorno mulheres mais saudáveis, professoras melhor preparadas, aulas mais adequadas às necessidades das crianças, portanto melhor qualidade de ensino⁴⁵.

Percebemos neste contexto, que as políticas públicas de educação e saúde precisam atentar para o processo de valorização e humanização do trabalho em relação aos professores da rede pública de ensino. A docência é uma carreira que precisa ser valorizada, principalmente nas redes iniciais do ensino, e o que se tem percebido é um descaso para com a integridade do docente. A saúde do professor tem se tornado problema de saúde pública, e historicamente, os governantes do nosso país não têm investido nesta classe de trabalhadores.

4. Considerações finais

O trabalho docente tem sido estudado por vários pesquisadores devido à incidência de patologias que afetam esta classe de trabalhadores. A atividade laboral da docência passa então a trazer o adoecimento que tem afetado, diretamente, a vida em sociedade destes professores (reflexos negativos no cotidiano, nas famílias, etc.). O adoecimento físico e mental dos professores têm se tornado um problema de saúde pública e desta forma, a compreensão deste processo pôde ser feito entre entrelaçamento entre saúde-doença e condições de trabalho destes trabalhadores.

Os professores da educação básica deste estudo, na sua maioria, apresentam uma rotina de trabalho fatigante, muitas vezes trabalhando em dois turnos (por conta dos baixos salários) e ainda com extensão de jornada de trabalho, uma vez que ainda levam para a casa muitos trabalhos (correções, planejamentos de aula, etc.). Ainda dentro deste contexto, estes

professores entrevistados neste estudo são do gênero feminino, e demonstraram que é muito complexo conciliar vida profissional e vida pessoal. O tempo livre e as atribuições familiares passam a ser secundários, em detrimento à extensão do trabalho escolar para as residências.

A fadiga, a insatisfação, a frustração, o medo, a depressão, a angústia e a ansiedade estão entre os sintomas dos professores apontados por vários estudos, tendo em vista as condições de trabalho. E neste estudo, algumas professoras citaram alguns sintomas, como taquicardia, dor de cabeça, ansiedade; além de relatar nível de alto estresse. Desta forma, entender as condições de trabalho destes profissionais e como estas interferem diretamente no processo de saúde-doença dos professores se faz bastante necessário. Os resultados discutidos neste estudo, com base na teoria fundamentada em dados, com enfoque na saúde dos professores da educação básica, aponta as fragilidades das condições de trabalho destes docentes e o distanciamento cada vez maior destes profissionais com o convívio familiar/social.

Desta forma, faz-se necessário, com urgência, a adoção de políticas públicas voltadas à melhoria da educação e saúde (ainda tão incipientes) neste país, com foco nas melhorias de condição de trabalho docente e na reestruturação de estratégias de promoção da saúde para esta classe de trabalhadores. Neste sentido é necessário ainda a proposição e implementação de ações voltadas para maior valorização do bem-estar dos professores no cumprimento de suas atividades laborais, promovendo a saúde física e mental a esta classe de trabalhadores indispensável para o crescimento de uma nação.

5. Referências Bibliográficas

1. Barros ME, et al. Saúde e trabalho docente: a escola como produtora de novas formas de vida. *Trab Educ Saúde* 2007; 5(1).
2. Cericato IL. A profissão docente em análise no Brasil: uma revisão bibliográfica. *Rev Bras Estud Pedag* 2016; 246(9):273-289.
3. Sella CA. (Dissertação). Retratos de um profissional em crise: os docentes em tempos de mudança. Universidade do Oeste de Santa Catarina, Joaçaba. 2006.
4. Leite AF, et al. Fatores condicionantes de saúde relacionados ao trabalho de professores universitários da área da saúde: uma revisão integrativa. *Rev Bras de Saúde Ocupa.* 2017; 42(6).
5. Murtaz GS, et al. Avaliação de Intervenção em estresse ocupacional. *Revista de psicologia: teoria e pesquisa.* 2004; 20(1):039-047.
6. Lago RR, et al. Percepção do Trabalho Docente em uma Universidade da Região do Norte do Brasil. *Rev Edu e Saúde.* 2015.
7. Cruz RL, et al. Saúde docente, condições e carga de trabalho. *Rev Electro de Investi y Docencia.* 2010:147-60.
8. Vieira JS, et al. Constituição das doenças da docência. Relatório de pesquisa. Brasília Pelotas 2009:
9. Zaragoza, JME. O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores. 3. ed. Bauru: Edusc, 1999.
10. Vieira JS, et al. Pesquisa "A produção do mal-estar docente em professoras de educação infantil": banco de dados. Universidade Federal de Pelotas. 2012.
11. Brasil. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394. 20 de dezembro de 1996.
12. Assunção AA, Oliveira DO. Intensificação do trabalho e saúde dos Professores. *Educação e Sociedade.* 2009;3(107):349-372.
13. Novoa A. (org.). Profissão Professor. Portugal: Porto. 1999.
14. Novoa A. Professores Imagens do futuro presente. Educa. Lisboa. 2009.
15. Brum LM, et al. Qualidade de vida dos professores da área de ciências em escola pública no Rio Grande do Sul. *Trab, Edu e Saúde.* 2012;10(1):125-145.

16. Gasparini SM, et al. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. *Edu e Pesq.* 2005;31(2):189-199.
17. Chamaz K. A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa. Tradução Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed; 2009.
18. Strauss A, et al. Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. (Tradução Luciane de oliveira da Rocha). 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
19. Santos JLG, et al. Perspectivas metodológicas para o uso da teoria fundamentada nos dados na pesquisa em enfermagem e saúde. *Esc Anna Nery.* 2017;20(3).
20. Silva, N.S.S, et al. Morbidade autorreferida entre professores da educação básica da rede pública de ensino. *REAS, Revista Eletrônica Acervo Saúde.* 2017; Vol. Sup. 6:425-431.
21. Carvalho, A. S, et. al. Perfil antropométrico e composição corporal de professores da rede estadual de ensino de Montes Claros-MG. *REAS, Revista Eletrônica Acervo Saúde.* 2017; Vol. Sup. 7:392-399.
22. Cassiani SHB, et al. A teoria fundamentada nos dados como abordagem da pesquisa interpretativa. *Rev Latino-am Enfermagem.* 1996;4(3): 75-88.
23. Alves AG, et al. A Teoria Fundamentada em Dados como ferramenta de análise em pesquisa qualitativa. *Investigação Qualitativa em Educação.* 2017;1.
24. Orlandi EP. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos.* 8ed. Campinas: Pontes; 2009.
25. Marx, K. *El capital: crítica de la economía política.* 3v. Buenos Aires: Cartago, 1973.
26. Souza Aparecida Neri de, et al. Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil. *Educ Soc.* 2011; 32(117): 1105-21.
27. Dejours, C. *A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho.* 3. ed. ampl. São Paulo: Cortez; Obore, 1992.
28. Esteve, J.M. *O mal-estar docente:a sala de aula e a saúde dos professores.* Bauru: EDUSC, 1999.
29. Rosso AJ, Camargo, BV. As representações sociais das condições de trabalho que causam desgaste aos professores estaduais Paranaenses. *Educação Temática Digital.* 2011; 13(1):269-289.
30. The WHOQOL Group. The World Health Organization Quality of Life assessment (WHOQOL): position paper from the World Health Organization. *Soc Sci Med.* 1995b;41(10):1403-9.
31. Cella DF. Quality of life: Concepts and definition. *J Pain Symptom Manage.* 1994; 9(3):186-92.
32. Minayo MC de S. *Enfoque ecossistêmico de saúde e qualidade de vida.* 2002
33. Heckert AL,et al. A dimensão coletiva da saúde:uma análise das articulações entre gestão administrativa-saúde dos docentes, a experiência de Vitória. In: Athayde M, Barros MEB, Brito JC, Neves MY (Org.). *Trabalhar na escola? Só inventando o prazer.* Rio de Janeiro: IPUB/CUCA; 2001. 123-62.
34. Santomé JT. O professor em época de neoliberalismo: dimensões sociopolíticas de seu trabalho. In: Linhares C (Org.). *Os professores e reinvenção da escola: Brasil e Espanha.* São Paulo: Cortez; 2001.
35. Rocha Vera Maria da, et al. Qualidade de vida de professores do ensino fundamental: uma perspectiva para a promoção da saúde do trabalhador. *J. Brasileiro Psiquiatria.* 2008; 57(1):23-27.
36. Timm EZ, et al. O mal-estar na docência em tempos líquidos de modernidade. *Rev Mal Estar e Subjetividade.* Universidade de Fortaleza. 2010;10(3):865.
37. Ferreira LL. Relações entre o trabalho e a saúde de professores na educação básica no Brasil: relatório final do Projeto Condições de Trabalho e suas Repercussões na Saúde dos Professores de Educação Básica no Brasil. São Paulo: FUNDACENTRO; 2010. 114p.

38. Andrade PS de, et al. Prazer e dor na docência: revisão bibliográfica sobre a Síndrome de Burnout. *Saúde e Soc. Saúde e Sociedade*; 2012; 21(1):129-40.
39. Porto LA, et al. Associação entre distúrbios psíquicos e aspectos psicossociais do trabalho de professores. *Rev Saude Publica. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo*; 2006.
40. Marques, Elias P, et al. Educação Pública: falta de prioridade do poder público ou desinteresse da sociedade?. *Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum. São Paulo*.2007; 17(3): 8-20.
41. Martins, Júlia Trevisan et al. Prazer e sofrimento no trabalho da equipe de enfermagem: reflexão à luz da psicodinâmica Dejouriana. *Rev. Esc. Enferm. USP/São Paulo*. 2010; 44(4) .
42. Dejours C. (2004). Addendum: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: Lancman S., & Sznelwar, L.I. (Orgs.), *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*(pp. 47-104). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, Brasília, DF: Paralelo 15.
43. Dejours, C. *A loucura do trabalho: estudo e psicopatologia do trabalho*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2015.
44. Areias M E Q, et al. Gênero e estresse em trabalhadores de uma universidade pública do Estado de São Paulo. *Psicologia em Estudo, Maringá*. 2004; 9(2): 255-262.
45. Zibetti MLT, Pereira SR. Mulheres e professoras: repercussões da dupla jornada nas condições de vida e no trabalho docente. *Educ em Rev [Internet]*. Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná; 2010.
46. Araújo, T. M. de et al. Diferenciais de gênero no trabalho docente e repercussões sobre a saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*2006; 11(4): 1117-29.
47. Carlotto M. S, et al. Síndrome de burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. *Cad. Saúde Pública*2006; 22(5).
48. Carlotto M. S, et al. Preditores da Síndrome de Burnout em professores. *Psicol. Esc. Educ* 2007; 11(1).

Artigo Recebido: 18.05.2018

Aprovado para publicação: 01.05.2019

Saulo Daniel Mendes Cunha

Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes.

AV. Osmane Barbosa, Nº 905, Bloco C, Ap 301, Bairro Planalto

39404-006 – Montes Claros, MG - Brasil

Telefone: (38) 99195-0435

Email: saulodanc@yahoo.com.br
